



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO
COORDENAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DO CAMPUS TRINDADE

**“APRENDER PARA ENSINAR! EIS A MISSÃO SAGRADA DA MULHER”: O
IDEÁRIO EDUCATIVO DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA NO LIVRO DAS NOIVAS
(1896)**

JACKELLINE FREIRE DA COSTA

TRINDADE-GO
2024



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO
COORDENAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DO CAMPUS TRINDADE

**“APRENDER PARA ENSINAR! EIS A MISSÃO SAGRADA DA MULHER”: O
IDEÁRIO EDUCATIVO DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA NO LIVRO DAS NOIVAS
(1896)**

JACKELLINE FREIRE DA COSTA

Artigo Científico apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Campus Trindade – Goiás, como requisito à obtenção do título de Especialista em Educação e Trabalho Docente

Orientador(a): Kesi Line de Moraes

Trindade-GO
2024

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano

C837" Costa, Jackelline Freire da
"APRENDER PARA ENSINAR! EIS A MISSÃO SAGRADA DA
MULHER": O IDEÁRIO EDUCATIVO DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA
NO LIVRO DAS NOIVAS (1896) / Jackelline Freire da
Costa; orientadora Kesi Line de Moraes. --
Trindade, 2024.
24 p.

Monografia (Pós-graduação Lato Sensu em em Pós-
graduação em Educação e Trabalho Docente) -- Instituto
Federal Goiano, Campus Trindade, 2024.

1. Educação. 2. Mulher. 3. Livro das Noivas. I.
Moraes, Kesi Line de , orient. II. Título.



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES
TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

Identificação da Produção Técnico-Científica (assinale com X)

- Tese
 Dissertação
 Monografia – Especialização
 Artigo - Especialização
 TCC - Graduação
 Artigo Científico
 Capítulo de Livro
 Livro
 Trabalho Apresentado em Evento
 Produção técnica. Qual: _____

Nome Completo do Autor: Jackelline Freire da Costa

Matrícula: 2023108301930387

Título do Trabalho: APRENDER PARA ENSINAR! EIS A MISSÃO SAGRADA DA MULHER”: O IDEÁRIO EDUCATIVO DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA NO LIVRO DAS NOIVAS (1896)

Restrições de Acesso ao Documento [Preenchimento obrigatório]

Documento confidencial: Não Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: 25/06/2024

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- O documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- Obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- Cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Trindade, 25 de junho de 2024

Jackelline Freire da Costa

Assinado eletronicamente pelo o Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:

Kesi Line de Moraes

Assinatura eletrônica do(a) orientador(a)

Documento assinado eletronicamente por:

- Jackelline Freire da Costa, 2023108301930387 - Discente, em 25/06/2024 11:59:54.
- Kesi Line de Moraes, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 25/06/2024 11:55:48.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 25/06/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 610235
Código de Autenticação: cb22aeabdc





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO - CAMPUS TRINDADE
COORDENAÇÃO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Jackeline Freire da Costa,
CPF: 099.951.584-50, devidamente matriculado (a) no curso de Pós-Graduação
Lato Sensu em Educação e Trabalho Docente do Instituto Federal
Goiano – Campus Trindade, declaro a quem possa interessar e para todos os fins de direito
que:

1. Sou o legítimo autor do artigo cujo título é: "Aprender para ensinar! Eis a missão sagrada da mulher": o ideário educativo de Filia Lopes de Almeida no Livro das Moças (1896)

2. Respeitei a legislação vigente de direitos autorais, em especial citando sempre as fontes que recorri para transcrever ou adaptar textos produzidos por terceiros.

Declaro-me ainda ciente que se for apurada a falsidade das declarações acima, o artigo será considerado nulo e a homologação do diploma, porventura emitido, será cancelada, podendo a informação de cancelamento ser de conhecimento público.

Por ser verdade, firmo a presente declaração.

Trindade, 20 de Junho de 2024.

Jackeline Freire da Costa

Assinatura do Aluno(a)





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Ata nº 24/2024 - CE-TRI/GE-TRI/CMPTRI/IFGOIANO

ATA DE BANCA EXAMINADORA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E TRABALHO DOCENTE

Aos quatro dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e quatro, às 19h00 (dezenove horas), reuniram-se os componentes da banca examinadora em sessão pública realizada por videoconferência, via Google Meet, pelo link: <http://meet.google.com/vtq-equo-mza>, para procederem à avaliação da defesa de Trabalho de Conclusão de Curso, em nível de Especialização, intitulado “**APRENDER PARA ENSINAR! EIS A MISSÃO SAGRADA DA MULHER”: O IDEÁRIO EDUCATIVO DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA NO LIVRO DAS NOIVAS (1896)**”, de autoria de **JACKELINE FREIRE DA COSTA**, discente do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação e Trabalho Docente do Instituto Federal Goiano – Campus Trindade. A sessão foi aberta pela Orientadora e presidente da Banca Examinadora, Prof. Ma. Kesi Line de Moraes, que fez a apresentação formal dos demais membros da Banca: Prof. Ma. Rosana Alves Simão dos Santos (IF Goiano - Trindade), Prof. Ma. Priscila Rodrigues Nascimento (IF Goiano - Trindade), Prof. Ma. Angela Cláudia Dias Domingues (Suplente/IF Goiano - Trindade). A palavra, a seguir, foi concedida ao autor para, em 30 minutos, proceder à apresentação de seu trabalho. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu oralmente o autor. Terminada a fase de arguição, procedeu-se à avaliação da defesa. Tendo em vista as normas que regulamentam o Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação e Trabalho Docente, e indicadas as correções pertinentes sugeridas, o Trabalho de Conclusão de Curso foi **APROVADO**. A conclusão do curso, como requisito para fins de obtenção do título de Especialista em Educação e Trabalho Docente, dar-se-á quando da entrega ao professor orientador da versão definitiva do Trabalho, com as devidas correções. Assim sendo, a defesa perderá a validade se não cumprida essa condição, em até 30 (trinta) dias da sua ocorrência. Cumpridas as formalidades da pauta, a presidência da mesa encerrou a sessão de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso às 20h34 (vinte horas e trinta e quatro minutos), e para constar, foi lavrada a presente Ata, que, após lida e achada conforme, será assinada eletronicamente pelo autor do artigo e pelos membros da Banca Examinadora.

Membros da Banca Examinadora

Nome	Instituição	Condição
Prof. Ma. Kesi Line de Moraes	IF Goiano – Campus Trindade	Presidente
Prof. Ma. Rosana Alves Simão dos Santos	IF Goiano - Campus Trindade	Avaliador interno
Prof. Ma. Priscila Rodrigues Nascimento	IF Goiano - Campus Trindade	Avaliador interno
Prof. Ma. Angela Cláudia Dias Domingues	IF Goiano - Campus Trindade	Suplente

Documento assinado eletronicamente por:

- Angela Claudia Dias Domingues, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 04/06/2024 20:48:43.
- Priscila Rodrigues do Nascimento, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 04/06/2024 20:48:37.
- Jackeline Freire da Costa, 2023108301930387 - Discente, em 04/06/2024 20:48:16.
- Rosana Alves Simao dos Santos, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 04/06/2024 20:48:12.
- Kesi Line de Moraes, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 04/06/2024 20:47:11.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 04/06/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 604866
Código de Autenticação: 841c219b95



“APRENDER PARA ENSINAR! EIS A MISSÃO SAGRADA DA MULHER”: O IDEÁRIO EDUCATIVO DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA NO LIVRO DAS NOIVAS (1896)

Jackelline Freire da Costa¹

Resumo

Este trabalho teve como objetivo analisar a concepção de educação da mulher, em Júlia Lopes de Almeida, a partir da análise de textos presentes no *Livro das Noivas* (1896). Neste percurso, buscou-se identificar o lugar social de Júlia Lopes, verificar os aspectos materiais que construíam a imagem do manual escolhido, examinando os textos educativos presente no referido livro e quais aspirações a autora almejava com tais escritos. Trata-se de uma pesquisa com foco documental, amparada nos pressupostos teóricos e metodológicos da História Cultural, revelando a representação social da mulher na transição do Império à República, pautados ainda no lugar de fala da escritora, processos de sociabilidade e discursos de poder e gênero. Observou-se que a obra em destaque compactuava com os ideários do período, buscando por meio de seus ideais formar a figura da mulher através de textos educativos permeados de aspectos matrimoniais, domésticos e maternais, enaltecendo a sua instrução enquanto mola propulsora do progresso.

Palavras-chave: Educação. Mulher. Livro das Noivas.

Abstract

This work aimed to analyze Júlia Lopes de Almeida's conception of women's education, based on the analysis of texts present in the *Book of Brides* (1896). Along this path, we sought to identify Júlia Lopes' social place, verify the material aspects that constructed the image of the chosen manual, examining the educational texts present in that book and what aspirations the author aimed for with such writings. This is research with a documentary focus, supported by the theoretical and methodological assumptions of Cultural History, revealing the social representation of women in the transition from the Empire to the Republic, still based on the writer's place of speech, processes of sociability and discourses of power and gender. It was observed that the highlighted work was in agreement with the ideas of the period, seeking through its ideals to form the figure of women through educational texts permeated with matrimonial, domestic and maternal aspects, praising their education as a driving force of progress.

Keywords: Education. Woman. Brides Book.

¹ Especializanda do Curso de Pós-graduação em Educação e Trabalho Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano - Campus Trindade, jackelline.freire@estudante.ifgoiano.edu.br.

Introdução

A educação da mulher é um campo que vem ganhando visibilidade ao longo dos anos, pois, durante muito tempo esteve oculta na historiografia. Aos debruçarmos sobre a temática, percebemos que na segunda metade do século XIX e início do século XX, havia um crescimento de mulheres escritoras publicando obras de caráter educativo na imprensa e tendo como público de consumo as próprias mulheres.

Deste modo o presente artigo visa construir uma página da história da educação da mulher, ao analisar a concepção de educação apresentada pela escritora Júlia Lopes de Almeida, no *Livro das Noivas (1896)*. Para isso, busca identificar o lugar social de Júlia Lopes de Almeida, verificar os aspectos materiais que construía a imagem do manual escolhido e examinar os textos educativos presentes no livro e as aspirações almejadas de tais escritos.

Com base nos pressupostos teóricos e metodológicos dos autores, Chartier (1988), Certeau (1982; 2017) e Sirinelli (2003). É importante pensar,

[...] que relevância podem ter, num plano geral, as idéias e crenças de um indivíduo único em relação aos do seu nível social [...] porém, se a documentação nos oferece a oportunidade de reconstruir não só as massas indistintas como também personalidades individuais, seria absurdo descartar estas últimas [...] (GINZBURG, 1987, p. 31-32).

Júlia Lopes de Almeida é uma personalidade individual dentro de um panorama de mulheres escritoras do final do século XIX no Brasil – no período de transição para a Primeira República – e diante da sua aceitação social enquanto formadora de opinião, sua obra merece ser descortinada.

O exemplar foi encontrado na Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos. Segundo Sirinelli (2003) deve-se permanecer atento ao modo como determinado objeto apresenta-se na teia social. Buscamos assim, investigar aspectos da materialidade estética da obra, quantidade de páginas, presença imagética, textos e temas. Embora todo o livro tenha perspectiva educacional, para a análise do discurso foram escolhidos oito textos de caráter educativo, que contemplassem a própria tríade da obra; noivado/casamento, vida doméstica e maternidade, buscando comparar alguns recortes com o contexto da época.

A fabricação do discurso sempre é carregada por uma intenção, conforme nos mostra Certeau (1982), o discurso é produzido em um lugar social, há uma marca, uma

particularidade, uma relação com aquilo que foi vivido. E nesse caso, presente no campo das tensões relacionadas ao gênero.

Portanto, uma literatura destinada às mulheres do passado, serve-nos hoje para compreender seus anseios e ver o que mudou nesse mesmo campo de tensões, alguns ainda bastante latentes. Pois, mesmo que a época não permitisse grandes feitos às mulheres, Júlia Lopes de Almeida foi uma figura de destaque na imprensa das mulheres, que reconhecia o direito delas terem acesso à educação, ainda que precisasse ser sob o jugo do homem. Compreendemos que dar voz a uma escritora é dar espaço a tantas outras mulheres e construir também a história do tempo presente.

Metodologia

A pesquisa teve como objetivo analisar a concepção de educação da mulher, em Júlia Lopes de Almeida, a partir da análise de textos presentes no *Livro das Noivas* (1896). Trata-se de uma pesquisa com foco documental², a qual busca responder as seguintes questões: qual era o lugar social de Júlia Lopes de Almeida? Quais aspectos materiais construía a imagem do manual escolhido? Quais aspirações a autora almejava com seus textos educativos presentes no livro?

A pesquisa de caráter documental teve como metodologia a seleção de textos educativos – presentes no *Livro das Noivas* (1896) – e análise do discurso³ destes textos, com base nos pressupostos teóricos e metodológicos dos autores; Chartier (1988), Certeau (1982; 2017) e Sirinelli (2003).

Para a construção teórica, utilizamos os estudos de Carvalho (2004) e Needell (1993) para traçar o contexto social, político e econômico da época e o desenvolvimento da imprensa. As contribuições de Luca (1999) e Salomoni (2005) para retratar o aspecto biográfico da escritora. E o aporte Del Priore (2004), Matos (2003), Rago (2004), entre outros, para explicar a educação da mulher naquele período.

A sociedade brasileira na virada do século XIX para o XX

² “A pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p.29).

³ Todo sujeito possui um lugar de fala, conforme nos sugere Certeau (1982), nesse caso nos propomos a analisar o ideário de uma mulher branca, letrada e que fazia parte da elite.

Após a chegada da Família Real no Brasil, o Rio de Janeiro passou a respirar um processo de transformação gradual, aos poucos a área urbana vai aumentando seu contingente populacional e inspirando-se em um modelo europeu de civilização nos modos, hábitos, costumes, práticas sociais e culturais, conforme nos mostra Carvalho (2004).

A *Belle Époque* inaugura uma mudança no cenário político, a qual impacta diretamente o bojo social e cultural. Havia um modelo de vida esperado e idealizado por aqueles que detinham o poder de fala e influência. O Rio de Janeiro saía de um contexto de libertinagem para ganhar ares de civilidade. Era momento de colocar ordem no progresso,

pois o ano de 1898 assinala, no Rio de Janeiro e no resto do país, não só um novo começo, mas também o ressurgimento das forças tradicionais. O período revolucionário de 1880-97, marcado pela ascensão e derrota da reforma e da revolução sonhada pelos segmentos urbanos, desemboca no fracasso da tentativa de contenção do domínio exercido pela elite tradicional (NEEDELL, 1993, p.40).

Embora as modificações não fossem perceptíveis nessa transição, a capital carioca era o cenário ideal para a fermentação intelectual. Como espaço de tensões políticas, expandia para os demais centros urbanos o novo panorama do progresso. A população tinha uma falsa participação na Monarquia, quando tida era na condição de telespectadores. A educação era ofertada apenas para a elite, com isto, as camadas populares ficavam restritas nas decisões políticas,

Sendo função social antes que direito, o voto era concedido àqueles a quem a sociedade julgava poder confiar sua preservação. No império como na República, foram excluídos os pobres (seja pela renda, seja pela exigência da alfabetização), os mendigos, as mulheres, os menores de idade, as praças de pé, os membros de ordens religiosas (CARVALHO, 2004, p.44).

Seria mais fácil governar uma nação negando a educação e o poder de participação das camadas sociais, pois, difundir os ideais almejados pela elite sem quaisquer interferências era o desejo daqueles que buscavam os ideais positivistas. A questão sanitária era uma daquelas que esteve em pauta durante bastante tempo; fazer uma limpeza literalmente em todos os setores, retirando o que não era aceito.

De acordo com Carvalho (2004) pregava-se a ordem, humanidade, pátria e família. E nesse contexto, a mulher deveria conduzir a humanidade, seu instinto materno por natureza era capaz de cuidar do progresso da nação, atuando do lar, formando bons filhos, cuidando da casa e do esposo.

A imagem da família era modelada pela mulher. A sua forma de organização no lar definia o seu sucesso ou não diante da malha social, fosse selecionando a mobília, estabelecendo rotina, assuntos básicos que uma senhora do lar deveria dominar, a escolha do menu dos jantares e refeições importantes.

A mulher de elite passou a marcar presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Se agora era mais livre - “a convivência social dá maior liberalidade às emoções” -, não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada (D’INCAO, 2004, p.191).

Os bailes oferecidos, o vestuário, expressavam muito sobre as personalidades das mulheres. O luxo daqueles e a extravagância nas vestimentas não eram vistas com bons olhos. Todos os hábitos de conduta da mulher passavam por uma triagem de controle, inclusive, a leitura e a escrita. Por isso, a leitura e a escrita dessas mulheres nos oferecem um amplo campo de evidências sobre o contexto da época. Muitas foram perseguidas e outras mais ousadas tiveram que utilizar de pseudônimos para poder difundir seus ideais.

A primeira legislação educacional brasileira, Lei de 15 de outubro de 1827, limitava uma educação mais abrangente,

Art. 11. Haverão escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessário este estabelecimento. Art. 12. As Mestras, além do declarado no Art. 6º, com exclusão das noções de geometria e limitado a instrução de aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquelas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimento nos exames feitos na forma do Art. 7º (BRASIL, 1827).

Vale salientar, que as mulheres só poderiam exercer a profissão do magistério porque se aproximava da função materna exercida no lar. Solteiras, somente com a permissão dos pais e casadas, com a do esposo.

Nas reformas que seguiam, a educação das mulheres permanecia pautada nos mesmos ideais de restrição; bordados, trabalhos manuais, e moralidade também faziam parte do currículo. O ensino primário e secundário, com a Reforma Leôncio de Carvalho de 1879, também manteve a concepção de educação doméstica.

O início da imprensa no Brasil, na primeira década do século XIX, é marcado pela veiculação de publicações que enalteciam a Corte. O seu surgimento visava expandir a

modernização que aos poucos se instalara no Brasil. Havia um rigor de análise que barrava aspirações contrárias à política, à moral e aos bons costumes familiares do período,

Logo, à sombra do café e com a palavra liberada, tinha início o nosso Segundo “Império”, que foi o império do café, mas não só. Iniciava-se também o império da palavra impressa. Nele, podem ser pontuados dois momentos: o primeiro, de 1841 a meados da década de 1860, no qual predominou o discurso conservador e áulico, a despeito das costumeiras vozes dissonantes; o segundo, sobretudo de 1868 em diante, quando da queda do Gabinete liberal de Zacarias de Góes e Vasconcelos, que figurou como porta-voz de credos diversos, reunindo polifonia de falas que pregavam a liberdade de religião, a emancipação e/ou libertação do escravo, o advento da república, não sem reverberações da permanência do regime monárquico (MARTINS, 2012, p. 23).

No terceiro quartel do século XIX temos uma produção literária que narrava o contexto político, social e cultural brasileiro, principalmente conservando os aspectos tradicionais, disposições moralizantes, assim como se sucederam em outros anos. Nessa época vivenciavam-se ainda os últimos feixes de luz do romantismo e nesse contexto, encontramos a figura de Júlia Lopes de Almeida, conforme veremos na seção a seguir.

Aspectos biográficos: particularidades da escritora Júlia Lopes de Almeida

O saber é, contrário à feminilidade. Como é sagrado, o saber é o apanágio de Deus e do Homem, seu representante sobre a terra. É por isso que Eva cometeu o pecado supremo. Ela, mulher, queria saber (MICHELLE PERROT).

A publicação em periódicos realizada por mulheres foi um ato de ousadia, pois, elas queriam ler, conhecer e escrever. O século XIX pode ser considerado um marco em razão da ascensão da imprensa, favorecendo a escrita dessas em diferentes espaços e com modelos distintos de obras intelectuais ainda que fossem carregadas de conteúdo patriarcal.

De acordo com Certeau (2017), as táticas apresentam continuidades e permanências, assim, chegamos no nome de Júlia Lopes de Almeida que em pouco tempo tornou-se aclamada pela sociedade da época, vindo revelar-nos as perspectivas de um movimento de mulheres escritoras que tratavam da temática educacional.

A escritora Júlia Valentina Silveira Lopes nasceu em 24 de setembro de 1862, no Rio de Janeiro, filha do médico e educador Dr. Valentim José da Silveira Lopes e da musicista e pedagoga Antônia Adelina Pereira, ambos portugueses. O casal também era pai da primogênita Adelina Amélia. A família tinha um colégio de Humanidades e foi com eles e por sua irmã que Júlia foi alfabetizada.

O bojo social no qual estava inserida respirava artes e uma cultura letrada assídua. Além de inglês, também aprendeu francês e deleitava-se nas obras de escritores franceses (Balzac, Michellet), portugueses (Eça), ingleses (Shakespeare), cujos trechos de suas obras aparecem nos escritos da pesquisada.

Com a influência da irmã mais velha, Alice, Júlia compunha versos em segredo. Sendo descoberta pela mesma, seu genitor leu os seus versos e posteriormente fez-lhe um convite e aos dezenove anos, com apoio do pai, Júlia escreveu sua primeira crônica: *Gemma Cunibert*, publicado na *Gazeta de Campinas (1881)*, na qual passou a ser colaboradora efetiva e onde também publicou dois importantes romances *A Família Medeiros (1892)* e *a Viúva Simões (1897)*.

No ano de 1866 a família viaja para Lisboa, onde lá, a jovem publica seus dois primeiros livros impressos e vários contos e crônicas que seriam publicados na *Gazeta de notícias*. No ano de 1884 foi cronista do jornal *O País*. Junto com sua irmã mais velha, Adelina, publicou a obra *Contos Infantis*, em 1886. No ano seguinte é publicado *Traços e Iluminuras*.

No final de 1887, Júlia Lopes casa-se com o português Filinto de Almeida, em Portugal. Antes desse evento, o cônjuge também era residente do Brasil. Nesse momento, a autora passa a chamar-se Júlia Lopes de Almeida e sua produção literária e jornalística adquire grande impulso, uma vez que Filinto de Almeida foi um dos editores da Revista *A Semana*.

O casal retorna para o Rio de Janeiro em 1888 e tem seu primeiro filho, Afonso. O romance *Memórias de Martha* também é publicado nessa ocasião na Tribuna Liberal do Rio de Janeiro. A obra, em formato de folhetim, contou com dezessete capítulos veiculados até 1889. Conforme Salomoni (2005), a escritora atravessa em sua produção romanesca as marcas das escolas realista, naturalista, impressionista e simbolista.

A família fixa-se em São Paulo e entre 1889 a 1895 o casal deleitava-se na convivência familiar, longe dos salões e assiduidade nos bailes, criando a sua produção literária, teatral ou jornalística.

Enquanto esteve em São Paulo, Júlia Lopes de Almeida adquiriu grande reconhecimento pelo seu trabalho. Tratava-se de uma figura do lar com uma obra literária em ascensão, no mesmo nível da produção masculina, a qual opinava de forma própria sobre o cotidiano da nação.

Depois de já ter sofrido três abortos, em meados de 1894, viaja para o Rio de Janeiro para dar à luz o filho Albano, e no ano seguinte sofre a perda da mãe.

Almeida atuou como contista, cronista, romancista, musicista, teatróloga, conferencista, participando nesta última categoria do *Consejo Nacional de Mujeres de la Argentina* em 1922 e do *Congresso Feminista* de 1922. Publicou os livros: *Livro das Noivas* (1896), *A Falência* (1901), *Ânsia Eterna* (1903), *Livro das Donas e Donzelas* (1906), *Histórias de nossa terra* (1907), *A Intrusa* (1908), *Eles e Elas* (1910), *Cruel Amor* (1911), *Correio da Roça* (1913), *A Silveirinha* (1914), *A Árvore* (1916), *Era uma vez* (1917), *Teatro* (1917), *Jornadas no meu país* (1920), *A Isca* (1922), *Jardim Florido* (1922), *Oração a Santa Dorotéia* (1923), *A Maternidade* (1925), *A casa Verde* (1932), *Pássaro Tonto* (1934). Nos anos de 1917 e 1922 foram publicadas duas obras em cada um.

A presença de Júlia Lopes na imprensa das mulheres deu-se em razão do ambiente privilegiado no qual estava inserida, uma família abastada, pois tanto seu pai quanto seu esposo eram intelectuais e isso permitia a aquisição da mobilidade cultural da autora. Segundo Luca (1999), um fato que vale ressaltar é a sua escolha de escrita em prosa, uma vez que a maioria das mulheres de seu período se aventurava pelo campo da poesia.

Os estudos de Luca (1999) nos mostram que a escritora se estabelece no Rio de Janeiro a partir de 1895, mesclando temas românticos com uma rigorosa técnica descritiva realista, há ainda o nascimento de suas filhas Margarida (1896) e Lúcia (1899).

Apesar do prestígio social e da grande aceitação que Almeida tinha, ainda não era possível exercer algumas funções, fato que fica evidente, segundo Batista (2012), com a sua não incorporação na Academia Brasileira de Letras - ABL, mesmo a escritora participando e contribuindo em reuniões para a sua criação.

A partir de 1915 há um declínio na produção de Júlia Lopes, pois, neste ano falece o seu pai e em 1917, Francisco Alves, o seu editor. Portanto, os escritos publicados nessa época haviam sido redigidos anteriormente a esse período. Em meados de 1920 ainda colaborou de forma simbólica com os veículos de comunicação, atuando do lar.

Após o falecimento de sua irmã, Adelina, em 1922, Júlia e Filinto mudam-se em 1925 para a Europa, permanecendo até 1932. A filha deles, Margarida, ganhou a Medalha de Ouro de Escultura da Escola Nacional de Belas Artes e teve concessão de uma bolsa de estudos em Paris, razão pela qual o casou transferiu residência.

Em 30 de maio de 1934, aos quase setenta e dois anos de idade, Júlia Lopes de Almeida falece no Brasil, deixando esposo, filhos e netos. A morte foi em decorrência da malária adquirida na viagem feita para a África, na qual teria ido fazer companhia a sua filha Lúcia, que na ocasião encontrava-se doente.

Em razão de seu vasto legado e prestígio social, selecionamos o Livro das Noivas (1896) para descortinar a concepção de educação que a escritora buscava disseminar para as mulheres da época. Período no qual as mulheres deveriam atuar no lar para contribuir com o ideário de progresso da nação, conforme veremos na seção a seguir.

Um manual de conselhos maritais: o Livro das Noivas (1896)⁴

O Brasil do século XIX passava por uma transição política, no entanto, no bojo social alguns costumes e práticas ainda eram latentes e perpetuaram-se por um bom tempo. Na educação não era diferente, continuava em sua maioria sendo propagada nos moldes do pensamento masculino, mas as mulheres escritoras do período também denunciavam a condição de seu papel social. Nesse sentido, buscamos analisar a concepção de educação da mulher, em Júlia Lopes de Almeida, a partir da análise de textos presentes no *Livro das Noivas* (1896).

O livro referido apresenta em sua estrutura características de um manual de conduta de mulheres, portanto, aborda o tipo de educação que as mulheres deveriam receber.

É importante ressaltar, que “a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1988, p.16). Os discursos não são neutros, são carregados de escolhas e significados que nos permitem constituir alguns fragmentos de uma dada realidade.

O exemplar analisado foi encontrado na Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos, na seção Navegação – documentos – letra L – página 57. Corresponde a 3ª edição reeditada em 1914 por Francisco Alves & Cia⁵ no Rio de Janeiro, Rua do Ouvidor, 166, com desenhos de E. Casanova, Roque Gameiro, Julião Machado e outros. A versão disponibilizada não apresenta capa, mas a 1ª edição era coberta por um tecido azul com nome e título da autora em letras douradas, além de alguns arabescos nas extremidades da diagonal. Após esta, passou a ter um lírio branco.

A cronista dedica o livro ao seu marido, inicia a dedicatória com a epígrafe *Lyrica* de Filinto de Almeida, na qual retrata a união de duas almas em uma só carne, da qual nem

⁴ As citações extraídas do livro das noivas (1896) e apresentadas neste trabalho mantêm fielmente a escrita da autora. Portanto, são perceptíveis as diferenças ortográficas dos diferentes contextos; século XIX e atual.

⁵ Havia sedes na Rua da Bahia, 1055 em Belo Horizonte e na Rua de São Bento, 63 em São Paulo.

mesmo a morte seria capaz de separar. Nas palavras que seguem, a autora profere que não há segredos a esconder. A autora ressalta que a história dos seus filhos é retratada em alguns momentos e também as suas impressões de angústia e alegria, conferindo assim, um presente carregado de significados, pois, o carinho e conselho do cônjuge trilham caminho igual com as ideias ali desenvolvidas e encerra com as seguintes palavras, “acolhe- bem, que vae nele todo o amor da tua Julia” (ALMEIDA, 1914, p.10).

O índice encontra-se no final da obra, a paginação alternava entre direita e esquerda na margem superior, os títulos eram escritos em caixa alta e centralizado, com exceção de *Ser mãe* que aparece no canto inferior esquerdo acompanhado de ilustração, em *As crianças*, a fonte ganha aspecto desenhado e também uma figura. No capítulo II não há título e sim um desenho correspondente à temática, disposto em retângulo na parte superior. Os textos são iniciados com a primeira letra em negrito e também em caixa alta ocupando verticalmente duas linhas.

Após cada título e ao final da maioria das crônicas havia um arabesco ou outros elementos simbólicos (flores, borboleta, pássaro) em tamanho pequeno ou médio, e em grande parte não tinha nenhuma relação com a temática. Alguns se repetiam, outros só apareceram uma única vez. E ainda três asteriscos em forma de triângulo entre alguns parágrafos. Já em alguns casos continha ilustrações no meio do texto para representar o que estava escrito.

O livro possui 222 páginas, dividido em três partes, com a distribuição de 29 crônicas, conforme o quadro abaixo. Algumas contendo o mínimo de duas páginas e o máximo de dezessete, essa mais especificamente é *As crianças*, que tem capítulo I e II.

Quadro 1 – Crônicas do Livro das Noivas

Primeira parte	Segunda parte	Terceira parte
O dia do casamento	A mesa	Uma carta
Saber ser pobre	A cozinha	Ser mãe
A roupa branca	Os animaes	Entre dois berços
A poesia da vida	As aves	As crianças
Os doentes	Os criados	Educação
Os livros	Notas de uma ménagère	Carinhosa hospitalidade
Bellas artes	Floricultura	Carta de uma sogra
Concessões para a felicidade	Horticultura	

Os bailes	Da sala á cozinha	
As joias		
Os pobres		
Falta de tempo		
Carta a uma noiva		

Fonte: Criado pela autora conforme o índice da obra

A primeira parte abrange aspectos sobre o noivado e o casamento, a segunda, retrata a vida doméstica e a terceira esboça a maternidade. Uma boa educação para as mulheres da época deveria incorporar essa tríade de forma bastante delineada. A escritora utilizava linguagem acessível e trazia sua vasta experiência com viagens, autores e obras consagradas no Brasil e Europa, contextualizando o panorama social da época.

Embora (toda) a obra trate da educação da mulher, em razão deste trabalho ser em estrutura de artigo e limitar sua extensão, selecionamos algumas crônicas que contemplassem os três temas presentes para análise: *O dia do casamento*, *Os livros*, *Concessões para a felicidade*, *Falta de tempo*, *Carta a uma noiva*, *Da sala á cozinha*, *Ser mãe*, *Educação*.

No texto inaugural *O dia do casamento*, a autora inicia retratando o seu estado de dúvidas, incertezas e apreensão da noiva diante do dia mais importante de sua vida. Há pouco tempo do acontecimento, o pensamento é tomado por inquietações nunca antes sentidas, pois é chegada a hora da mulher realizar o maior sonho de sua juventude,

Se realiza o sonho amado da sua mocidade, unindo-se áquelle que escolheu como o mais perfeito e o melhor dos homens, chora também por deixar a casa paterna, a mãe idolatrada, que mal disfarça a sua agonia, o pae que a aconselha, comovido, a ser para o futuro tão bôa como até então (ALMEIDA, 1914, p. 11).

A sensação é de deixar um porto seguro, a sua família, e ir em busca de outro, que apesar de desejado, causa receios. A mãe acalenta o seu choro proferindo que a partir de então é de fato o início da vida, e que estará sempre esperando, caso a filha necessite, embora deva seguir o caminho do futuro esposo, porque agora será sua família, tendo ele sido fruto de uma boa escolha, e sendo assim, “[...] a mulher não nasceu só para adorno, nasceu para a lucta, para o amor e para o triumpho do mundo inteiro!” (ALMEIDA, 1914, p.13). Na concepção de Júlia Lopes, ao seguir o coração, a mulher sofria os mais duros golpes e seria responsável pelas missões mais sutis.

É a nós, como mães, que a pátria supplica bons cidadãos; é de nós, quando esposas, que a sociedade exige o maior exemplo de dignidade e de moral. Com a educação

superficialíssima que temos, não meditamos nisto, e levamos de contínuo a queixar-nos de que é nullo o papel que nos confiaram... [...] (ALMEIDA, 1914, p.13).

Na percepção da autora uma educação ampla nesse contexto seria fundamental para o exercício doméstico, ainda que não fosse utilizada para uma profissão, “[...] no discurso de diversos setores sociais, destaca-se a ameaça à honra feminina representada pelo mundo do trabalho” (RAGO, 2004, p.489). Os homens em sua plena consciência sabiam que as mulheres seriam capazes de exercer um ofício até melhor do que eles.

A cronista também evidenciava o fato de que haveria dias nos quais o sol não “brilharia”, sendo necessário haver compreensão e lutar pelo bem precioso que é a família. Os conselhos dados não são impossíveis de serem seguidos, bastava apenas que a noiva lembrasse de sua família exemplar.

A autora chama atenção para uma educação mais abrangente às mulheres, mas “[...] a construção política do sujeito procede vinculada a certos objetivos de legitimação e de exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultas e naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas jurídicas como seu fundamento [...]” (BUTLER, 2018, p. 16). Há intenções ocultas em certos arranjos sociais, principalmente quando se referem a papéis de gênero.

Para Foucault (1999) o poder é interesse e não é apenas dos intelectuais, nesse caso para perpetuar o discurso patriarcal. Até então, a mulher era uma figura submissa, escrever permitira-lhe uma nova condição que poderia leva-la rapidamente à ascensão, os homens não queriam dividir o palco.

Segundo Butler (2018) dentro de um mesmo movimento de mulheres, havia aquelas que discordavam dos ideais de outras, o que nos mostra que desde o germinar do feminismo houve variações de lutas. As escritoras do século XIX, a exemplo de Nísia Floresta, Josefina Alvares de Azevedo, entre outras divergiam em suas aspirações, ao mesmo passo que também transitavam dentro de suas concepções.

Júlia tem uma fase mais tradicional em sua iniciação e na virada do século aparecia mais progressista. Um exemplo é *A Falência* (1901), uma trama que tinha enredo chocante, tanto mostra seu prestígio de aceitação, quanto sua segunda fase de escrita, mais progressista, sendo identificado como um romance naturalista.

A autora defendia a instrução das mulheres como aporte para ascensão nos próprios negócios familiares e governança da casa por reconhecer que na ausência eterna de um chefe de família seria de grande importância.

A leitura ainda continuava sendo proibida para algumas, mas Júlia tinha o privilégio de usufruir dessa prática, em *Os livros* relata que estes eram considerados inimigos da alma e, portanto, não as ensinavam a ler.

Hoje em dia o não saber ler é, felizmente, considerado uma vergonha, e não há uma pessoa que propositalmente condemne os filhos a tamanha desgraça; agora o que ainda há são chefes de família que abominam os livros, ordenando às filhas que não toquem nunca em semelhante coisa (ALMEIDA, 1914, p. 35).

Tal proibição levava as moças a ler e a escrever às escondidas, perdendo noites de sono em seu quarto para saciar o desejo proibido, fingindo durante o dia alguma enfermidade para disfarçar as madrugadas em claro.

Ora, se o pae as acostumasse aos bons livros ; se, em vez de os apontar como nocivos, os buscasse como proficuos, escolhendo-os criteriosamente; se lhes fizesse compreender as mais brilhantes paginas da historia, se guiasse o espirito indeciso das crianças pelo caminho honesto da verdade e da franqueza; se as fizesse estudar e meditar bons auctores, apontando-lhes bellezas ou defeitos, e criando-lhes uma educação perfeitamente solida, ellas não leriam por certo contos mal traduzidos nem pouco Moraes e fugiriam espontaneamente de gastar o seu tempo e de estragar o seu gosto (ALMEIDA, 1914, p.36).

E continua tecendo críticas às senhoras que sequer conheciam bons autores brasileiros ou tinham apreço pela literatura, elas liam o folhetim do jornal, o romance de enredo que no ideário da escritora era uma espécie de “falso profeta”. Deveria haver sensatez na hora de escolher um bom livro, pois, uma mulher disposta a aprender conduziria com maestria a educação dos filhos, “aprender para ensinar! eis a missão sagrada da mulher” (ALMEIDA, 1914, p.39). A mulher por ser considerada frágil precisava aprender para ensinar os filhos. Parafraseando Sevcenko (2009) a literatura como missão enquadrava-se numa atividade que buscava a elevação cultural, e nesse sentido, cada intelectual da imprensa de mulheres buscava disseminar o que considerava pertinente para o progresso da nação ou até mesmo para poder continuar publicando.

Vemos em *Concessões para a felicidade* o desejo de algumas mulheres de terem um homem desprovido de inteligência, mesmo causando constrangimento nele por ser mais desprovido que ela do conhecimento, “a mim então parece-me que deve ser o contrario; que do lado do homem, o mais forte, o responsavel, o chefe, é que deve estar, mesmo para alegria e conforto da nossa alma, a superioridade intelectual” (ALMEIDA, 1914, p.50). No imaginário de Almeida (1914), a mulher deveria ser guiada pelo marido, por itinerários os quais a própria sociedade fazia questão de difundir preconceitos, honrando e respeitando-o e

quanto mais admiração, mais forte ele seria. Ao referir-se desse modo depreende-se uma certa crítica para aqueles que na época já defendiam a emancipação das mulheres pautada em outros arranjos, vemos que:

[...] a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica [...] (BOURDIEU, 2002, p. 23).

Até aquele momento, as mulheres não conheciam outro modelo de identificação que não fosse o da obediência e de sempre estar um passo atrás de seu marido. Então, conforme posto nas palavras da escritora, a mulher tinha o dever de guardar ao menos um defeito que a tornasse submissa. Ela identifica as mulheres com uma fruteira de raízes sólidas, que nenhuma erva daninha destruiria, e caso optasse por uma boa educação, para nunca estar à frente do esposo, sem alimentar a vaidade.

Na crônica *Falta de tempo*, Júlia Lopes trata de um assunto atemporal – a realização de atividades livres – pois, “a vida é curta; não cabem nella todas as obras que queremos fazer; mas com paciência e com methodo, duas coisas sem as quaes nenhuma mulher pode passar, consegue-se, ainda assim, vêr realisadas muitas das nossas vontades” (ALMEIDA, 1914, p.73). Uma boa distribuição de serviço resolveria o problema, a disciplina corrigiria os defeitos da educação. Até mesmo o cuidado com a saúde, a escritora refletia sobre o pensamento das mulheres acreditarem que a vida seria apenas voltada às vontades frívolas, engano.

Assim, ao assumir um lar haveria demandas mais urgentes do que tocar piano e ler livros, “mas, minhas amigas, não vos esqueçaes de que o homem é egoista e auctoritario e de que para fazel-o feliz, como vos cumpre, tendes de renunciar ao doce ócio em que o vosso pensamento se balança e tel-o sempre vigilante e activo” (ALMEIDA, 1914, p.75). As mulheres deveriam ser escravas do relógio para cumprir as demandas em tempo hábil e não desagradar o cônjuge. Ela conta ainda que conheceu uma moça que organizou tabela de serviços para seus funcionários organizarem a casa e que o investimento em pagar todos eles compensariam ao poder dedicar-se a atividades culturais. Para a autora esta organização era importante.

A *Carta a uma noiva* retrata um diálogo entre duas mulheres que se aconselham sobre o casamento, uma vida sozinha seria monótona, é preciso antes de qualquer coisa nunca aborrecer o marido.

Esse conselho resume-se nestas palavras: não chores nunca ao pé de teu marido. Se cometeres tal erro, verás o que acontece! A primeira vez que Paulo me viu chorar... chorou também !... as lagrimas rolavam-lhe pelas faces trigueiras, embreirando-se-lhes na barba. Lembras-te de como era bonita a barba d'elle? Setinosa, negra... pobre Paulo ! A segunda vez que chorei ao pé de meu marido, elle enxugou-me o pranto com beijos, alisando-me as tranças com todo o carinho! na terceira vez limitou-se a dizer-me de longe uma palavra meiga; na quarta ficou silencioso, e na quinta... ah! minha Laura! na quinta vez, elle disse entre o sorriso e o sarcasmo: — Agora choras ! has de lucrar muito com isso! (ALMEIDA, 1914, p.82).

Na concepção de Almeida, as mulheres deveriam reprimir o sentimento. O acesso à manutenção das emoções era abreviado, a fragilidade/chiliques delas já não carregava mais tanta importância depois do primeiro episódio de insatisfação com o casamento, a casa, seja qual fosse o assunto da vida marital, ou ainda comportamento social inadequado, pois a imagem social não podia ser manchada por escândalos em hipótese nenhuma.

Os ensinamentos a mulheres dos modos de portar-se vão sendo assim ensinados. Devemos compreender que “todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver” (SIRINELLI, 2003, p.248). Apesar da autora ter uma característica própria de escrita na obra, seus ideais caminhavam com a estrutura social do período.

As visitas às casas das amigas casadas rendiam assunto para criar um panorama dos novos lares estabelecidos, *Da sala á cozinha* traça um luxo singelo, onde a arte, as telas e a tapeçaria na sala compõem artigos que merecem uma descrição, “vem ver a minha casa. Tudo aqui foi arranjado por elle! Eu teria mais dificuldade; não tinha pratica... peço-te que repares bem em tudo... e que dêes a tua opinião franca e sincera” (ALMEIDA, 1914, p.154). Nas palavras de análise, a casa de Anitta era notada pela ocupação de um casal educado, imbuído pelo viés da poesia, as cortinas de renda branca da sala eram perfeitas, havia um espaço organizado para os estudos do esposo e leitura, em seu acervo havia manuscritos nacionais, estrangeiros e algumas sobre ciência, literatura moderna, brasileira, portuguesa, francesa, além de poetas, romancistas. Possuía também dicionários e livros didáticos.

O quarto da casa era arejado e organizado de modo clássico, sem exageros. Roupas separadas por departamentos, os cuidados que se devia ter com as peças guardadas, mobília em harmonia com os elementos decorativos. Nenhum defeito a ser desvelado nesse lar.

Na cozinha havia pias separadas para os utensílios, mobília para guardar a louça, bacias de armazenar carnes, hortaliças, panelas e outros itens em quantidades consideradas suficientes, conforme a necessidade da casa.

Quando nasce uma mãe, a renúncia ganha fôlego, *Ser mãe* “é renunciar a todos os prazeres mundanos, aos requintes do luxo e da elegância” (ALMEIDA, 1914, p.171). Todos os anseios e preocupações giram agora em torno da criança,

Outra atividade feminina que não fosse a de mãe e esposa, realizada no aconchego do lar, passou a ser entendida como subordinada, acessória e desviante. O trabalho externo feminino provocava indignação aos médicos, revestida, na maior parte das vezes, de preocupações morais (MATOS, 2003, p.112).

Até mesmo o exercício do magistério que era permitido em uma escala mais “ampla” só era concedido com restrições. O último texto a ser analisado é *Educação*, a escritora começa falando sobre a consciência da qual a sociedade passou a ter sobre a importância de ser bem-educado.

Dar força ao corpo, eis ahi, portanto, minhas amigas, o primeiro cuidado que devemos ter para com os nossos filhos. Deixal-os correr, saltar, fazer gymnastica, rir, encher os pulmões de ar livre, perder inteligentemente o tempo. O que nos compete, acima de tudo, é olhar pela sua boa hygiene e, sem que elles dêem por tal, com todo o geito, irmos guiando tenazmente a sua educação atravez dos folgedos infantis (ALMEIDA, 1914, p.195).

A concepção de Júlia era de que as crianças tivessem uma rotina e disciplina, isto não era missão impossível, e seu caráter era modelador do perfil estimado pelos higienistas. Para algumas mães, o papel materno não impunha limites, estragando assim, a formação dos pequenos. A permissividade causava estragos, mas a rigidez de algumas mães também não era sadia, pois, causava medo nas crianças. O afeto era essencial nesse processo de construção da personalidade. Muitas mães usavam do terror para conquistar a obediência, isso era inadmissível.

A mãe deveria formar a conduta, a moral, dar-lhes os ensinamentos básicos da vida, preparar para a vida em sociedade.

O nosso principal esforço deve ser: fortalecer o corpo e o espirito da criança; para isso devemos ministrar-lhes, a par de passeios e jogos infantis, banhos geraes e

brandas fricções diárias, vestuários apropriados á estação, alimentação sadia, gymnastica, estudo sem esforço e sem castigos, limpeza, bons exemplos, ternura e alegria (ALMEIDA, 1914, p.199).

Além de passar elementos básicos de leitura, escrita, contas, geografia e desenho, aqueles conteúdos mais complexos ficam a cargo dos mestres. A contista finaliza essa crônica retomando uma ideia já difundida em *Os Livros*, aprender para ensinar, maternalmente,

o que importa é desvendar as tensões, contradições e negociações que se estabeleceram, em diferentes épocas, entre elas e seu tempo; entre elas e a sociedade na qual estavam inseridas. Trata-se de desvendar hoje as complexas relações entre a mulher, a sociedade e o fato, mostrando como o ser social que ela é articula-se com o fato social que ela mesma fabrica e do qual é parte integrante (DEL PRIORE, 2001, p.84).

Ao longo dos textos analisados compreendemos que Júlia Lopes de Almeida tinha um vasto conhecimento social, cultural, literário e apesar disso escrevia para as amigas, como ela mesma dirigia-se ao seu público, conselhos destinados à ascensão da mulher na educação para manter a casa, o matrimônio e a formação do caráter e conduta dos filhos.

Considerações Finais

Vimos que o período oitocentista atravessou o século XIX ainda almejando alcançar o progresso. No campo educacional a legislação diferenciava o saber de meninos e meninas. A imprensa exercia um caráter modelador de práticas e hábitos de consumo material e intelectual. A educação destinada às moças na transição do Império para a República ainda era bastante restrita, a mulher deveria ser instruída para cuidar do espaço doméstico, dos filhos e do marido de acordo com as normas vigentes do período.

Retomando os anseios que nos levaram à construção da pesquisa, percebemos que Júlia Lopes foi uma mulher à frente de seu tempo, ao dedicar-se a atividades na condição de contista, cronista, romancista, musicista, teatróloga, conferencista, não apenas fazendo poesia, mas trazendo reflexões pertinentes para o contexto da época.

Desde o início do seu legado, Júlia já retratava a condição da mulher, em seus primeiros contos carregados de narrativa e aspectos do lirismo denunciava o cotidiano e diferenças entre mulheres abastadas e as das camadas menos favorecidas, além de intensificar a educação doméstica destinada às mulheres, aspectos do casamento e maternidade. O seu

lugar de fala, de mulher abastada e engajada no clã de intelectuais permitia sua presença nesse cenário.

Nesse sentido, a literatura difundida pela escritora, revelava os aspectos da época, o *Livro das Noivas* (1896) cumpria a função de manual educativo, trazia temas diversos, mas predominava textos com conselhos sobre matrimônio, cuidado com a higiene e educação dos filhos e organização da casa. Além de marcar uma página na historiografia da presença de mulheres na imprensa.

Longe de darmos conta da totalidade do livro, e sabendo que os sujeitos históricos são mutáveis, podemos compreender que o ideário da escritora acompanhava a modernização vivenciada nos períodos históricos nos quais estava inserida, as condutas ditadas eram o que seria possível para a época e mesmo assim, conseguiu ultrapassar barreiras até então não desbravadas. Poderia até não aprovar o jugo patriarcal, mas continuou concordando para manter seu espaço na imprensa.

Referências

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Livro das Noivas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia, 1914.

BATISTA, Karen Fernanda Mourão. **Júlia Lopes de Almeida e a Educação da Mulher nos Livros das Noivas e das Donas e Donzelas**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução: Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879. **Reforma o ensino primário e secundário no município da Côrte e o superior em todo o Império**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html>. Acesso em: 02 abr. 2024.

BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. **Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império**. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html. Acesso em: 02 abr. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Garlhado. 2. ed. São Paulo: Difel, 1988.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias do cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (org). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.187-201.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GIL. Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e Os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LUCA, Leonora de. “O feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862 – 1934). **Cadernos Pagu**, Campinas, s. v., n. 12, p. 275-299, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634918>. Acesso em: 30 mar. 2024.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (org). **História da Imprensa no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 484-507.

SALOMONI, Rosane Saint- Denis. **A escritora/ os críticos/ a escritura**: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira. 2005. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-270.